

A ESCUTA DE MORADORES EM SITUAÇÃO DE RUA - PASSOS INICIAIS PARA AÇÕES DO TRABALHO JORNALÍSTICO

Área Temática: Comunicação

Coordenadora da atividade: Graziela BIANCHI

Autoras: Natalia ALMEIDA; Karina Janz WOITOWICZ; Paula Melani ROCHA

Projeto: Direitos Humanos, Jornalismo e Formação Cidadã - Elos

Resumo:

O jornalismo é participante ativo da ação social e exerce papel fundamental na construção da sociedade e de seus indivíduos. Este trabalho tem como objetivo dar visibilidade às trajetórias e experiências de pessoas em situação de rua, com proposição relacionada à linguagem audiovisual, que possibilita retratar as realidades abordadas. O método adotado valoriza a escuta e reconhece a importância de narrativas próprias daqueles que vivem essa realidade. Durante o desenvolvimento da atividade relacionada, que ainda está em execução, é possível analisar a diversidade presente nas vidas de quem tem estado em situação de rua e a diferença entre as causas desse quadro e suas consequências, além de evidenciar o anseio pela escuta. Esse processo possibilita a prática jornalística de forma sensível e estimula o desenvolvimento de um olhar crítico diante das injustiças sociais.

Palavras-chave: Direitos humanos. Pessoa em situação de rua. Jornalismo.

INTRODUÇÃO

Ao iniciar uma pauta sobre população em situação de rua, durante a apuração de dados, é possível acessar informações com estimativas sobre o número de pessoas que vivenciam o contexto relacionado, perfis que traçam faixa etária, gênero, raça, escolaridade, deficiências e envolvimento com drogas. No entanto, são escassas as produções que dêem visibilidade às pessoas e suas histórias. O grupo social de indivíduos em situação de rua não é

incluído no Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ocasionando a falta de dados oficiais dessa população. Além disso, raramente são encontradas fontes testemunhais nas matérias.

A pesquisadora em jornalismo, subjetividade, pobreza e celebrificação, Fabiana Moraes, em seu livro *A Pauta é uma arma de combate,* defende que a pauta enquadra algo, a partir de um ou poucos olhares, que será compartilhado publicamente com o objetivo de dizer que algo está acontecendo e devem saber.

> Toda pauta é uma arma e, sendo assim, toda pauta também pode ser uma arma de combate: ela pode servir para ir de encontro a uma desumanização também alimentada pelo próprio jornalismo. É uma tecnologia à disposição de um agir. (MORAES, Fabiana, 2022, p. 9)

Tendo em vista que o jornalismo é objeto fundamental de ação social e política, e considerando o seu papel de formador da sociedade, o trabalho realizado busca visibilizar histórias, a partir de gravações audiovisuais que permitem o retrato da realidade de forma mais profunda e verdadeira. Inicialmente, são apresentadas as intenções do projeto e explicado que as gravações serão utilizadas para fins acadêmicos, sem qualquer vínculo lucrativo, tendo o propósito de veicular histórias a partir das redes sociais digitais do projeto Jornalismo, Direitos Humanos e Formação Cidadã (Elos). Posteriormente, as pessoas que se dispõem a contar suas histórias são ouvidas, seus relatos são registrados a partir de um aparelho celular, em material audiovisual, que só será publicado mediante a assinatura de termo de uso e imagem. Para as entrevistas é utilizado o método da escuta, sem interrupções, para que as pessoas se sintam à vontade em compartilhar aquilo que desejam. O público-alvo do projeto abrange a sociedade em geral, profissionais e estudantes de jornalismo e formadores de políticas públicas e organizações sociais.

OBJETIVOS

O objetivo central da ação é dar visibilidade às pessoas em situação de rua, apresentando suas histórias, experiências e necessidades, ao mesmo tempo em que se

promove a reflexão social e o incentivo a políticas públicas mais eficazes para essa população. Nesse sentido, busca-se registrar relatos por meio de material audiovisual, observando a amplitude do problema. Além disso, o trabalho contribui para sensibilizar a sociedade, aprimorar práticas jornalísticas, como entrevistas e escuta ativa de temas sensíveis, e apoiar a construção ou incentivo de políticas públicas inclusivas que atendam efetivamente às necessidades dessas pessoas.

METODOLOGIA

Foram realizadas, até o início de setembro de 2025, quatro entrevistas. Todas conduzidas no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua, com o devido consentimento daqueles que se dispuseram a compartilhar suas experiências. As entrevistas foram gravadas por meio de um celular, em áudio e vídeo, com autorização prévia dos entrevistados. Durante todo o processo, foi explicado o propósito e objetivo do trabalho. Antes de iniciar a gravação, os entrevistados foram orientados a se apresentar e contar suas histórias de maneira livre e sem interrupções. Ao final do relato, caso surgissem outros questionamentos, a gravação era pausada para que a pergunta fosse feita, sempre verificando se o participante gostaria de compartilhar a informação.

Para dar início ao trabalho, a primeira entrevistada foi a vice-presidente do Instituto Nacional de Direitos Humanos da População em Situação de Rua, psicóloga e coordenadora do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua, Aline Toporowiz, com o objetivo de compreender a melhor forma de abordar as pessoas em situação de rua durante a coleta de relatos, bem como identificar caminhos éticos para a realização das entrevistas. A entrevistada destacou a importância de uma escuta humanizada, orientada pelo princípio *"nada sobre nós sem nós"*, enfatizando que não há uma "receita pronta" para a abordagem, mas sim a necessidade de respeito, sensibilidade e abertura para que as pessoas contem suas próprias histórias.

Os relatos coletados, até o momento, pertencem a três pessoas em situação de rua. Larissa Oliveira, João Carlos Fietkoski e Samuel Secundini. Eles são descritos brevemente abaixo.

Larissa Oliveira

Larissa Oliveira, 22 anos, natural de Sapopema, ilustra como a intersecção entre identidade de gênero, raça e classe social impacta diretamente nas oportunidades de vida. Vinda de uma família de classe média alta, mas impactada por questões de preconceito, Larissa veio para Ponta Grossa em busca do sonho de cursar Direito. Contudo, a falta de emprego, a transfobia e o racismo dificultaram sua permanência nos estudos. No relato, ela enfatiza como o uso do crack surgiu como uma forma de lidar com a hostilidade do ambiente, mas reforça também que o maior desejo das pessoas em situação de rua vai além de comida ou cobertas: trata-se do reconhecimento da cidadania, do respeito e da garantia de direitos.

João Carlos Fietkoski

João Carlos Fietkoski, 61 anos, é natural de Castro. Ele narra como a perda da mãe e a ausência de apoio familiar desencadearam um processo de depressão e alcoolismo, levando-o à rua. Apesar das dificuldades, ele encontrou na escrita uma forma de resistência e expressão. Atualmente, trabalha em um livro intitulado *Guerreiros Anônimos* e em composições musicais que combinam poesia, crítica social e reflexão existencial. Em sua fala, destaca o desejo de um espaço seguro para cuidar da saúde e buscar tratamento para o alcoolismo, revelando como o apoio institucional pode ser decisivo na reconstrução de trajetórias de vida.

Samuel Secundini

Samuel Segundino, 46 anos, foi criado em Ponta Grossa. Descreve sua vida como marcada pela precariedade desde cedo. Após deixar a casa dos pais, passou fome e chegou a se alimentar de restos encontrados no lixo. Sua sobrevivência atual depende da venda de

paçocas nos semáforos da cidade, atividade que ele encara com fé e esperança. Samuel destaca a relevância das casas de acolhimento, que oferecem refeições diárias e possibilitam um sentimento de pertencimento, além da sobrevivência básica.

RESULTADOS

Os relatos evidenciaram o desejo das pessoas em situação de rua de contar suas próprias histórias, reivindicando visibilidade e reconhecimento social. Isso se alinha ao conceito de Folkcomunicação, conforme definido por Luiz Beltrão (1971), que valoriza a autoria e o protagonismo dos indivíduos, permitindo que suas vozes sejam ouvidas e reconhecidas, especialmente em contextos de exclusão. Aplicar esses princípios no jornalismo implica exercer o método da escuta, observar a amplitude do problema, conhecer a realidade do outro e trazer à mídia assuntos invisibilizados. Ao fazer isso, os jornalistas buscam promover visibilidade e inclusão social, criando espaços em que os sujeitos possam narrar suas experiências diretamente, reforçando o protagonismo e a cidadania desses grupos, de forma alinhada à ideia de que a comunicação deve potencializar vozes originais em vez de apenas reproduzir narrativas externas.

A experiência de ouvir relatos de pessoas em situação de rua traz para o jornalista uma oportunidade de reflexão sobre seu papel e suas práticas. Ao perceber o desejo dos sujeitos de contar suas próprias histórias, o profissional aprende a importância de exercer a escuta ativa, respeitando os tempos e os modos de expressão de cada entrevistado, especialmente em contextos delicados. Além disso, dentro de um assunto é possível encontrar uma amplitude de problemáticas que fazem parte da estrutura do sistema. Isso faz com que o profissional desenvolva um olhar crítico diante das injustiças sociais, além de desenvolver habilidades para conduzir entrevistas com sensibilidade, e entender o impacto de suas escolhas na narrativa construída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Este trabalho reforça a importância do jornalismo como prática social comprometida com a escuta e a valorização de grupos historicamente invisibilizados. Ao registrar e divulgar as histórias de pessoas em situação de rua, é possível evidenciar a diversidade de trajetórias, causas e consequências que marcam essa condição. O processo de realização das entrevistas mostrou o quanto o desejo de falar e ser ouvido é fundamental para a construção de narrativas mais humanas e plurais. Por fim, compreende-se que iniciativas como esta não se esgotam em um produto final, mas constituem um processo contínuo de escuta, registro e divulgação, que fortalece o compromisso do jornalismo com a transformação social e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

APOIO

Jornalismo, Direitos Humanos e Formação Cidadã (Elos), Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua.

REFERÊNCIAS

MORAES, Fabiana. *A pauta é uma arma de combate: Subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza* . Arquipélago Editorial, 2022.

BELTRÃO, Luiz. *A comunicação dos marginalizados*. In: RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. *Folkcomunicação: a mídia dos excluídos*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2007. p. 41-47. (Cadernos da Comunicação. Série Estudos; v. 17).